



dharana

ONLINE



Henrique
José de
Souza

UMA EDIÇÃO DEDICADA AO FUNDADOR DA SOCIEDADE
BRASILEIRA DE EUBIOSE, COM DIVERSOS TEXTOS DE SUA
AUTORIA

EDITORIAL

No princípio Deus criou o céu e a Terra. A Terra, porém, estava vazia e nua. Disse Deus: - Faça-se a luz. E a luz se fez. Disse, também, Deus: - Faça-se o firmamento no meio das águas, e tudo foi feito.

Portanto, o mundo foi criado em sete *dias* pelo poder do Verbo, isto é, da Palavra, do SOM. Foi, portanto, este que deu causa à formação do Universo.

Maior mistério oculta-se no três e no sete a respeito dos Sons e das Cores. Diremos apenas que, segundo é sabido as cores do espectro solar são sete, de acordo com os sete raios de Luz, simbolizados nos Arcanos, Elohim ou Dhyán-Chohans, onde cada um possui a sua tônica natural.

Segundo a tradição hebraica, uma primeira causa, eterna, de suprema sabedoria, todo-poderosa e santa, é a origem e o centro de todo o universo, do qual todos os seres emanaram gradualmente. Pensamento, palavra e ação formam uma unidade indissolúvel no ser divino.

A palavra Som procede do sânscrito *swanas*, cujo radical *swan* quer dizer “ressoar”, “retinir”, etc.

Swan quer dizer, ainda, “cisne” ou “ave sagrada”, que ao morrer entoava um canto misterioso, como despedida da vida. É o conhecido “canto do cisne” dos moribundos.

Cada ser humano que deseja evoluir deve se esforçar ao máximo para “ouvir” a “Voz Interna”, a “Voz da Consciência”, a “Voz do Ego”, o “Som Criador” etc.

Para tanto, sugerimos a leitura atenta do opúsculo de autoria de Helena Blavatsky intitulado “A Voz do Silêncio”.

Não esqueçam esta verdade: “o Universo está dentro de nós”. Quem conseguir virar os olhos para si mesmo o verá em toda a tua grandiosidade. Se não conseguir, o verá projetado no mundo profano. E nas projeções, todos sabem, tudo é invertido: o que é lado direito passa a ser esquerdo e vice-versa.

Celso Agostinho

REVISTA *ON-LINE* QUADRIMESTRAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE EUBIOSE

Ano VI - Número 20: outubro de 2018 a janeiro de 2019

© Sociedade Brasileira de Eubiose ®



Sumário

4

A ENERGIA ATÔMICA
POR HENRIQUE JOSÉ DE SOUZA

7

MUNDOS SUBTERRÂNEOS
POR HENRIQUE JOSÉ DE SOUZA

10

EUBIOSE - CIÊNCIA DA VIDA
POR HENRIQUE JOSÉ DE SOUZA

12

O QUE DIZEM OS LIVROS



A ENER GIA ATÔM ICA



*“O número Três reina por toda parte
E a Mônada é seu Princípio”...
(De um oráculo do Zoroastro)*

*“A Tríade Sagrada, imenso e puro símbolo,
Fonte da Natureza e modelo dos deuses”.
(Dos Versos Dourados de Pitágoras)*

A LEI mais essencial da Natureza - já afirmava o grande Teósofo Emanuel Swedenborg - é a da *vibração*. Um ponto imóvel é absolutamente impossível dentro de nosso sistema. Os movimentos sutis, que chamamos de vibrações ou ondas; os mais vagarosos, que chamamos de oscilações; as trajetórias dos planetas, que chamamos de órbitas; as épocas da História, que conhecemos como ciclos, etc. Tudo isso não é mais do que um movimento ondulatório, cíclico, de ondas no Ar, no Éter, na Água, na Aura da Terra, por nebulosas, pensamentos, emoções, de tudo quanto se possa imaginar.

A Ciência, ao analisar a constituição da matéria, descobriu que existem “noventa e dois” elementos na Natureza. Um átomo de Urânio - como o mais pesado desses elementos - se compõe de “noventa e dois” prótons, que formam um núcleo; partícula tão diminuta que, para se tornar visível, seria preciso ampliá-la dez milhões de vezes. Em redor desse núcleo invisível giram, por sua vez, “noventa e dois” elétrons, descrevendo órbitas a grande velocidade. Se fosse possível ampliar o átomo dez milhões de vezes, a ponto de o tornar visível, a órbita que os elétrons descrevem em redor do núcleo formado pelos prótons, teria uns noventa centímetros de diâmetro. Tal núcleo de “prótons” é duas vezes mais pesado do que os elétrons, que giram em seu redor. A força de atração da potente carga positiva, unida à ação mútua entre dois opostos, é que mantém a coesão do átomo.

Como foi dito, os elétrons descrevem órbitas diferentes em redor do núcleo. E tais órbitas se alterando, produzem diversos fenômenos quando, por exemplo, um elétron passa de uma órbita a outra, dentro do raio de um átomo, desprendem-se ondas de luz; quando um elétron, em seu rápido movimento, é lançado fora do raio atômico, desprende *energia*. Este último fenômeno comprova a “teoria einsteiniana” de que, “ao desaparecer a massa, aparece a energia”.

Reduzindo-se o peso de um átomo, este se transforma em outro elemento. Assim, se eliminarmos uma das noventa e duas cargas - prótons, que formam o núcleo de um átomo de Urânio - este se converte em Urânio-X. A Ciência provou que são possíveis noventa e duas transformações entre um átomo de Urânio - o mais pesado elemento conhecido - e um Átomo de Hidrogênio, por sua vez, o mais leve elemento que se conhece.

A desintegração da matéria, que concorre para que seja mutável e dinâmico o nosso planeta, é produzida por um processo de transformação na Natureza chamado de radioatividade. É bem possível que, em qualquer parte do Universo, se dê um outro processo de desgaste radioativo.

Há alguns anos, os físicos que trabalhavam com o Dr. Millikan (laureado com o prêmio Nobel e cientista de renome mundial) conseguiram fundir os prótons e elétrons de um átomo de hidrogênio, o que causou verdadeiro assombro no mundo científico: o átomo desapareceu fazendo surgir a energia. A tal energia se propôs chamar de Raio Cósmico.

Tão notável descoberta parece a chave da formação dos elementos mais pesados, a partir do hidrogênio até a sua própria formação. Nesse caso, descoberta que faz crer na existência de uma atividade Criadora, hoje reconhecida pela Ciência, desenvolvendo-se em torno de nós, não só em relação com os tipos mais pesados da matéria, até chegar à gasosa como, ainda, nas longínquas estrelas e nebulosas. De fato, os elementos se acham por toda parte, pois, até agora, o espectroscópio nada revelou que já não existisse em nosso Globo.

Parafrazeando George Meredith:

“Les étoiles ne sont pas de lointaines étrangères,

D’insensibles puissances;

Du feu qui est en elles, nous sommes nés.

La musique de leur mouvement un jour sera nôtre”...

Mas, em resumo, que vem a ser o Raio Cósmico, que tanto interesse vai despertando a todo físico e homem de ciência? Essa questão possui muito maior importância para o verdadeiro Ocultista, por ser claríssima a indicação da *Unidade da Vida*, que se encontra invisível no fundo de todas as coisas, constituindo algo fundamental, donde nasceu tudo quanto existe na Natureza.

A Ciência explicou, em termos, tanto ao alcance de profanos, como de entendidos, a evolução da matéria. Não será agora possível, graças à descoberta do “Raio Cósmico”, completar aquele ensinamento com os rudimentos da teoria da involução?

Assim é que, no Raio Cósmico dos físicos, o Ocultista reconhece a força Criadora, cuja Fonte se encontra no Imanifestado, onde toda objetividade possui sua origem. Que importa dizer que a Ciência descobriu algo importantíssimo, que lhe pode fazer palmilhar um novo Caminho, o qual, fatalmente, a conduzirá à nítida compreensão do “Princípio Imutável” e Onipresente... fora do alcance do Pensamento, desde que se sujeite a descer dos falsos e vaidosos pedestais em que ela (Ciência) tem vivido até agora.

Se quisermos comparar o Raio Cósmico com a teoria teosófica de Fohat – “a Inteligência Ígnea, ativa, base dos Fogos internos do sistema solar” - compreenderemos melhor que é Ela a prodigiosa Força que lança o próton através do espaço ou Éter. Que força, ou antes, Inteligência o guia para um elétron a fim de unidos, formarem um Átomo?

Se acompanharmos tal Átomo em seu percurso através dos diversos elementos que compõem nosso Universo, descobriremos com que precisão e inteligência ele atrai para si outros átomos, adquirindo nova forma e aumentando seu peso, para não dizer, sua Experiência, segundo o sentido oculto para tudo quanto se encontra em evolução.

Tal fenômeno possui similar no dos “cometas positivos e negativos”, ou antes, “machos e fêmeos” (pese opiniões contrárias), que se incumbem da formação dessas nebulosas, que serão um dia... um ou mais Universos, ainda que hoje simples “poeira cósmica”, como por exemplo, a que conhecemos com o nome de Via Láctea, embora nela figurando inumeráveis sóis com seus planetas e satélites...

Quanto ao átomo, descendo ele ao mais denso e conhecido elemento, a forma parece incapaz de o manter cativo... e começa por desintegrar-se. Inicia-se então sua viagem ascensional (tal como os referidos cometas). Graças a essa desintegração, se torna cada vez mais leve, funcionando em diversos elementos, em sua evolução para cima. Tão interessante é esse processo que ficamos maravilhados, como o cientista, esperando o fim... se é que ele existe.

Terminada a viagem, o átomo volve à sua Fonte ou Origem: o Raio Cósmico; mas, segundo parece, um pouco diferente de como era quando emergiu por vez primeira. O final de sua história é aparentemente igual ao seu começo: o nêutron, por meio de certa força invisível, atrai do mesmo modo, um elétron e os dois se fazem *Um*, tal como o fim da humana evolução, no referente ao fenômeno sexual: o Androginismo Perfeito.

Assim, a forma desaparece e a energia se manifesta. A precisão e inteligência desenvolvidas em semelhante trajetória acusam uma *Consciência* que se há de enriquecer, totalmente, com a *Experiência*.

É, ainda, lógico supor que a energia resultante seja mais vitalizada. Do mesmo modo que, a Fonte para onde volve, se enriqueça com a *Experiência* da viagem ou peregrinação do Átomo. A sua História é igual à do Universo. Pode-se nela descobrir analogias com o próprio percurso da *Mônada*, ao estabelecer suas relações com o Ego e com a personalidade, segundo seu verdadeiro sentido etimológico de per-sona, ou “aquilo pelo qual o *Som* se manifesta”. *Som*, este, que deve ser comparável ao da Palavra ou Verbo Solar, de que tratam as santas Escrituras,

Ademais, no Átomo está escrita a genealogia do Logos... das estrelas e das poderosas Hierarquias, em cujos corpos se acha a base de uma célula *dual ou duplamente* centralizada que, por sua vez, nos faz lembrar o mistério do Pai-Mãe das mesmas Escrituras. E de outro modo, a dos “Gêmeos Espirituais”, do fenômeno *manúsico* ou Racial. Senão, da própria *forma-dual* de todas as coisas, a começar pelo mistério do Duplo nas iniciações egípcias.

Através de tão misteriosa História que o Átomo escreve, pode-se interpretar as grandezas do Uno, debaixo de sua manifestação, ao mesmo tempo *Una e Trina*, como em cópia fiel - embora, *duplamente* velada - o representam as religiões *positivas*, nas *Três* Pessoas distintas e *Uma* só verdadeira: no *Cristianismo*, por exemplo, como Pai, Filho e Espírito Santo. No *Hinduísmo*, na *Trimurti* (termo sânscrito que significa: *Três Corpos*), isto é, *Brahma*, o Criador, *Shiva*, o destruidor, ou antes, transformador e *Vishnu*, o conservador. Do mesmo modo que nas *Três Normas* ou *Parcas* mitológicas: *Clothos*, *Lachesis* e *Átropos*;

uma que fiava, outra que cortava o fio e, finalmente, a última, que sustinha a roca. E com mais propriedade, nas três forças: *Centrífuga, Centrípeta e Equilibrante*.

Assim, todo esse percurso em busca de *Experiência*, através da escala cromática (e Setenária, já se vê) da “Harmonia das Esferas”; como estados, ainda, de Consciência, que a Mônada é obrigada a percorrer, a fim de alcançar o máximo de sua evolução: a *Unidade* donde procede. E isso, como verdadeiro sentido da “Parábola do Filho Pródigo”, que volta à Casa. Paterna (e não a infantil interpretação que se lhe dá), dito por Santo Agostinho, de modo claro e preciso: “Viemos da Divindade e para Ela havemos de voltar”... Principalmente, se não tomarmos essa Divindade como o deus *antropomorfo* (das religiões ocidentais) “cercado de raios e trovões, raivoso, a castigar a obra de sua própria criação”; mas, um *Sol*, por exemplo, ao qual se pudesse chamar de Espiritual, pela *sutileza e grandeza* de sua Substância... Por isso mesmo, Fonte de Energia para todo o sistema. Já o comparamos, algures, a uma Usina Geradora de Força e Luz, segundo a mesma teoria Atômica, que até aqui vimos desenvolvendo; ou da Teosófica, que corresponde a *Fohat e Kundalini*, que no fim de contas são duas forças que acabam se fundindo em uma Só... Tal como uma “lâmpada de arco voltaico” que, ao se tocarem os dois carvões (positivo e negativo) se estabelece a Energia... Ou melhor, se dá o *Fiat Lux!*

Nunca é demais comparar o termo científico *Átomo*, com o *Atmã*, teosófico, cujo verdadeiro sentido é: *Hálito de Vida, Eu-Supremo* e tantos outros semelhantes, mas, exprimindo sempre a mesma coisa. Do mesmo modo que estes dois termos nos fazem lembrar, ainda, o germânico *Atmen*, que quer dizer: *Respirar*, etc., para provar que todas as línguas procedem de uma só, através de uma sucessão evolucionar, segundo exige a própria Lei, expressa, em fenômenos de ordem sísmica ou de periódicas catástrofes. Dado o fato de que o próprio Globo evolui *pari passu* com os seres que nele habitam. Por isso mesmo, as catástrofes, separando raças, ramos, famílias ou clãs, acabam por criar novos idiomas, etc. Outro não é o pseudo-castigo babelino ou da “confusão de línguas”, de que trata a Bíblia, no seu estilo de “letra que mata”, para ser interpretada segundo “o espírito que vivifica”.

Volvamos ao mistério do *Átomo*.

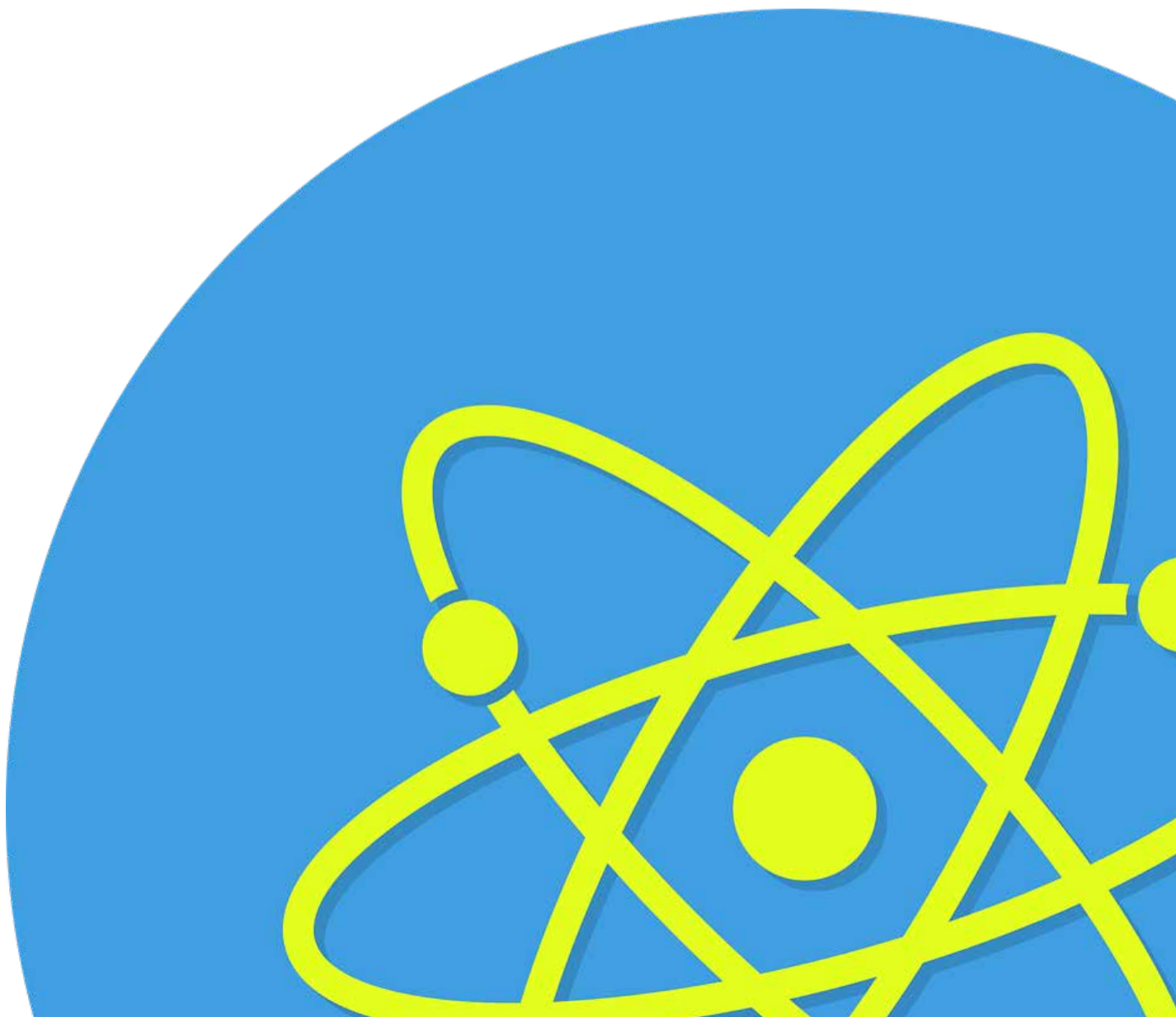
Não importa a complexidade pela qual a matéria esteja passando; o fato é que a manifestação existe igual à dos prótons e elétrons, sustentada, precisamente, pela Energia do Raio Cósmico, porquanto, o que fica exuberantemente provado, é que da sua UNIDADE procede, nela tem a sua existência e para Ela volve ...

Repetimos as palavras de H. P. Blavatsky: “O Universo evolui constantemente e, em *espiral ascendente*, a Humanidade inteira. E se em *espiral ascendente* aperfeiçoarmos o corpo físico em que vivemos, as emoções e os pensamentos brilharão em toda vivíssima Luz do Supremo Bem. Nada pode deter a Evolução. E quem não a seguir, será vítima de sua desgraçada incompreensão”.

AUTOR: Henrique José de Souza

FONTE:

Revista Dhâranâ nº11 (1981)





MUNDOS SUBTERRÂNEOS

No livro “Os Manuscritos do Mar Morto”, de J. M. Allegro, encontramos a seguinte citação: “*Debaixo desta caverna se acha a cidade de ESGARD...*” que é o mesmo que dizer ASGARDI ou AGARTHA, ARCA, BARCA, etc. (a mesma para onde Noé levou seu povo a fim de livrá-lo do Dilúvio Universal). No próprio nome de Jeanne D’Arc, a mesma se revela: Joana ou JINA, Djin, etc., do Arco, Arca, Barca, AGARTHA. Do termo ARCO, do qual o Arco-Íris é seu símil, é que saiu a lenda da Ponte ou Arco que conduz de um mundo para outro. Daí o termo SUMO PONTÍFICE, do Catolicismo, os Pontífices Pironis do Egito, ou CONSTRUTORES DE PONTES, como quem diz que espiritualmente são eles que conduzem as almas de um Mundo para outro. Na hora em que Joana d’Arc expira, é o que diz a própria Igreja, de sua boca sai uma Pomba.

“Laboratório do Espírito Santo” é chamada a Agarthá, ou melhor, os Mundos Subterrâneos. Fogo Serpentino ou Kundalini é o nome que se dá aos mesmos MUNDOS.

Na vã tentativa de encobrir verdades que, por força de Lei, somente neste fim de ciclo tiveram que surgir, procuram frustrar os ensinamentos que se revelam dos estudos que vêm sendo feitos dos “Manuscritos do Mar Morto” onde se prova que a vida de Jesus é bem diferente do que até hoje tem sido ensinado. Já Blavatsky dizia a mesma coisa, além de outras pessoas ilustres que se dedicam aos estudos ocultistas e teosóficos. Um outro manuscrito que revela algo diferente do que se diz até hoje é o que ensina: “*GLÓRIA A DEUS NAS ALTURAS E PAZ NA TERRA AOS ELEITOS.*”

Eleitos, sim, e não “aos de boa vontade” que nada exprime, pois ELEITOS é termo empregado por Jesus a cada momento. “*Muitos serão os chamados e poucos os ESCOLHIDOS.*” Sim, escolhidos, eleitos ou elite, foram os seus Apóstolos ou discípulos. Outro manuscrito também de imenso valor surgiu, até hoje não decifrado, mesmo que se fazendo uso do “cérebro eletrônico” que tem a propriedade de preencher os espaços em branco destruídos pelo tempo, é o que diz: “*Jesus esteve entre os ESSÊNIOS.*” Ponha-se no espaço em branco a palavra “AQUI”, isto é, neste lugar, nesta caverna, etc., e tudo ficará esclarecido.

René Guenon na sua obra “Le Roi du Monde” fala dos mundos subterrâneos que “começam no Tibete e vêm ter à América do Sul”. O Brasil está cheio de embocaduras ou cavernas e um homem de nome JACK, vindo da América do Norte por ordem superior, vai ter ao Peru onde entra por uma caverna e encontra um clã inca que lhe conta muitas coisas, inclusive sobre as várias vidas e mesmo esta, do signatário do presente trabalho. Ordenam-lhe que dali vá à Bahia e se case com uma moça da família Souza. Seguiu depois para São Lourenço, onde morreu. No cemitério daquela cidade existe o seu túmulo onde palavras reveladoras a seu respeito dizem quem foi esse JINA AUTÊNTICO.

E o Brasil, face ao trabalho que lhe cabe realizar em relação ao ciclo futuro, possuindo tais entradas ou embocaduras para os Mundos Subterrâneos, inclusive em Brasília, onde, conforme dissemos em trabalho recente, **COMEÇA A ENTRADA** para esses Mundos, muito terá que batalhar e sofrer os ataques dos que não se encontram no estado de consciência para entender tais problemas.

No próprio folclore brasileiro se encontram várias lendas a respeito, como a de Juca-Pitanga, no nordeste brasileiro, que enviou seus filhos por uma caverna e eles voltaram carregados de frutos que lhes foram oferecidos lá embaixo.

Em São Lourenço (este é de agora) um criminoso para escapar da polícia fugiu para Maria da Fé e entrou por uma caverna. Aí encontrou um povo que o recebeu carinhosamente, saindo de lá depois de prescrita a sua pena.

A revista Dhâranâ, órgão oficial de publicidade da SOCIEDADE TEOSÓFICA BRASILEIRA (hoje SBE), em inúmeros artigos tem demonstrado a ligação existente entre o trabalho que a mesma tem a executar na face da Terra e a AGARTHA. O próprio Templo, em São Lourenço, quanta coisa possui que fala desse Lugar Privilegiado do mundo. Jesus desce aos infernos (infera ou lugares inferiores) e lá encontra Moisés, Abraão, além de outras personalidades bíblicas (veja “O Catolicismo Ilustrado”, edição da Juventude Católica de Lisboa, publicado pela “Maison de la Bonne Presse”, rua Bayard, 5 – Paris). “Eneida”, de Virgílio, Enéas vai aos mundos subterrâneos ou INFERA, Inferno, etc., o que faz a Sibila de Cumes lhe dizer: **Hoc opus hic labor est**, mostrando a dificuldade de se sair daquele lugar. Orfeu também vai à procura de Eurídice. Há mesmo uma ópera francesa intitulada “*Orfée aus Enfers*”. No Talmud lê-se que Moisés, no fim da vida, ouve a voz do Eterno que lhe diz: “*Moisés, tua missão está finda. É hora de tu DESCERES*”... Descer, nunca foi subir ao céu, compreendam católicos, protestantes e outros não iniciados nos Grandes Mistérios, inclusive teosofistas de outras escolas. Leiam as seguintes obras, onde se fala a respeito:

- “*Mission de l’Inde en Europe*” de Saint’Yves D’Alveydre
- “*El Corazón de Asia*” de Nicholas Roerich
- “*À l’Ombre des Monastères Thibétains*” de Jean Marquès-Rivière
- “*Bêtes, Hommes et Dieux*” de Ferdinand Ossendowski
- “*El libro que mata a la muerte o libro de los Jinas*” de Mario Roso de Luna
- “*De gentes del Otro Mundo*” de Mario Roso de Luna

E assim, centenas de outros, embora que sejam esses os principais. A “Folha de São Paulo”, em sua edição de 3 de Janeiro de 1962, publicou: “***Não cessa a imaginação humana de querer saber o que há no centro da Terra***”, onde cita a obra de P. Gordon, “A Imagem do Mundo na Antiguidade”, onde o mesmo assunto é tratado.

A constituição dos Mundos Subterrâneos é a seguinte: a face da Terra é o lugar por onde palmilha a Mônada (a Humanidade, se o quiserem, cujo Itinerário chamado IO vai conduzindo a mesma de etapa em etapa) até chegar ao final que é o POLO SUL, tendo vindo do NORTE ou CALOTA POLAR NORTE. À medida que vai chegando a determinado ponto, aí se forma um Sistema Geográfico, ficando por baixo, no Mundo de Duat, outro Sistema. Nesse lugar se acha toda a tradição da evolução daquele mesmo Itinerário. E assim vem vindo, até chegar onde estamos atualmente, isto é, vindo do Trópico de

Câncer, no deserto da Líbia, para o de CAPRICÓRNIO, cujos 22° para os 23° é bem o nosso ponto. Por isso, CABRAL, Capris, Capricórnio, foi o nosso descobridor, por se tratar de um JINA Agarthino. Já temos falado demais a respeito. Quando se encontrar uma caverna, comprovante de civilizações passadas mas sem ninguém, é prova real do que dissemos.

No entanto, não aconteceria no nosso Sistema, porque no mesmo há gente, isto é, OS ELEITOS ou IMORTAIS que ali se acham. “*O Meu Reino não é deste mundo*”, dizia Jesus, não significando Céu, e sim, interior da Terra.

Daí, as sete palavras rosacruz do passado, que os de hoje não conhecem extraídas do termo alquímico VITRIOL (francês): VISITA INFERIOREM (ou Interiorem) TERRAE RECTIFICANDO INVENIES OCCULTUM LAPIDEM (mais que claras para provar a existência dos Mundos Subterrâneos).

Finalmente, chegamos a um terceiro plano ou mundo, que é da AGARTHA, constituído por Sete Cidades (O Dragão das Sete Escamas, de antigas lendas), cada uma com 3 Templos, Vinte e um ao todo, dirigidos pelos tradicionais Reis de EDOM. Vinte e um Templos, sim, que com Shamballah, Ilha Imperecível (ou andrógina, como vai acabar o mundo, do mesmo modo que os homens...) forma o total de 22, como são os ARCANOS MAIORES DO TARO e os ossos da cabeça, parte mais elevada do corpo humano, sede do conhecimento e da inteligência.

Vejamos agora o que se passa com o fenômeno Tempo ou Luz: na face da Terra o dia se compõe de vinte e quatro horas, sendo doze de dia e doze de noite, ou seja, Luz e Sombra. No Mundo de Duat, Segundo Mundo ou Plano, a divisão é feita de dois terços de dia ou Luz e um terço de noite ou Sombra. Na Agarttha (de onde vêm os Discos Voadores) é eternamente DIA ou Luz, por isso que é conhecida também por BELOVEDYE (Bela Aurora) nome que possuía um dos Cavaleiros da Távola Redonda que eram doze, tendo ao centro o Rei Artus. Também eram doze os Pares de França, de Carlos Magno e os Apóstolos do Cristo, como o Sol para os doze signos do Zodíaco, como a querer significar que possuíam, todos Eles, o sentido de SOL ou centro de um sistema de trabalho que para ser realizado era exigido aquele número que passou assim a ter um sentido esotérico (interpelada a tripulação de um Disco Voador de onde provinham, responde: “De Clarion”, Luz, clarão, etc., tanto vale por Belovedye, Bela Aurora ou AGARTHA). Quanto ao Rei Artus devemos esclarecer que é um nome que lido às avessas ou anagramaticamente apresenta o termo SUTRA, que é o fio de ouro (de Sutra) ou SUTRATMA, que partindo da cabeça do homem veio ter ao 8° Princípio, o Pai, o Sol, etc. Por isso Jesus, por ser um Iniciado, não dizia “nosso Pai” e sim “o Meu Pai e o Vosso” (aprendam os não iniciados). O solidéu no sacerdote encobre a tonsura que, como um Chakra ou Centro de Força (*Sahasrâra* – o loto de mil pétalas), representa a morada de Brahmâ. Os rabinos também trazem sempre a cabeça coberta.

Depois de ter levantado a ponta do véu e explicado alguma coisa a respeito do Tempo ou Luz no Mundo de “Duat” e na “Agartha”, tratemos de “SHAMBALLAH” onde é eternamente SOMBRA ou Noite, Lugar do Sono ou dos Deuses “fundadores” da Humanidade, inclusive daqueles VASOS DE HONRA, VASOS DE INSÍGNE DEVOÇÃO, como diz a “Ladainha de Todos os Santos” que, por ter sido apresentado como cópia de outras tradições é sua origem ignorada pela Igreja, o que não aconteceria se fosse ela composta por Iniciados e, portanto, dentro da Verdade. Ela mesma diz que “Eles foram guardados no SANCTUM SANCTORUM da Mãe Terra” (Mater-Rhea ou Matéria, mas também, se o quiserem, MAITREIA). No início de cada ciclo evolucionar “Eles” despertam; e é a isso que a Igreja denomina: “no dia de Juízo os mortos ressuscitarão”, o que é a maior das infantilidades...

Eis aí uma rápida descrição dos Mundos Subterrâneos e respectiva divisão hierárquica de Mundo de Duat, Agartha e Shamballah – mundos subterrâneos que por sinal é de onde vêm os Discos Voadores (e não de Marte, Vênus ou outro qualquer planeta) e que aparecem na face da Terra para prestar homenagens a Seres Agarthinos que estão no mundo em missão redentora, não sendo por isso compreendidos e até perseguidos e sacrificados. Nos versículos de sua Epístola aos Hebreus (VII – 26), fala São Paulo do Rei e Sacerdote MELKI-TSEDEK: “Porque nos convinha tal sumo sacerdote, santo, inocente, imaculado, perseguido pelos pecadores e feito mais sublime do que os céus”.

Sim, na Agartha não existe tal gente, isto é, pecadores de qualquer espécie, ficando entendido que Ele, como Rei e Sacerdote, vem ter à face da Terra em cada ciclo, para ensinar aos que pecam por ignorância, mas que se foram Iniciados, acabarão se tornando dignos de habitar na AGARTHA por se terem transformado em Adeptos ou Guias dos demais homens. E quanto aos Mundos Subterrâneos, lemos no Apocalipse, V - 3: “E ninguém no céu, na terra, NEM DEBAIXO DA TERRA, podia abrir o livro, nem olhar para ele”.

Religião que não adota as duas sábias Leis da Reencarnação e Karma não pode ter esse nome porque não realiza nem o que o próprio vocábulo significa, ou seja, religar o homem a Deus. E isto retira ao homem a ideia de responsabilidade. “Faze por ti que Eu te ajudarei”, não significa outra coisa, do mesmo modo que “Embainha a espada, Pedro, pois quem com ferro fere, com ferro será ferido”. É como se dissesse que o homem se sujeita a uma nova Encarnação, repleta de dores. Daí essa aparente desigualdade que se nota entre os que sofrem ou lutam e os que são felizes. Do contrário, Deus seria o maior dos VERDUGOS de Sua própria Obra. Quando o Papa Pio XII aconselhou a Igreja que voltasse ao Cristianismo Primitivo, porque desejava adotar a Reencarnação que, até o 4º Concílio como “Transmigração da Alma”, já o era pela mesma Igreja, e que, no entanto, foi retirada... pela “invenção” das Missas Pro-Defunctis que de nada valem...

Salve o grande Papa Pio XII que, se encontrando com o Monarca Universal, como profetizaram Nostradamus e Paracelsus, faria surgir uma Nova Religião ao mesmo tempo científica e filosófica, Teosofia, Eubiótica, etc. Foi de todos os Papas o mais inteligente, também o ÚNICO que encontrou o TÚMULO DE SÃO PEDRO e pediu que ao morrer, pusessem o seu junto daquele que somente ele encontrara. Devia ter pedido que “colocassem o seu corpo no mesmo Caixão...” (para bom entendedor, meia palavra basta...)

E por falar nisso, já pensou a Igreja qual dos dois foi mais traidor: se Judas ou Pedro? Ela mesma o diz: “*Em verdade, em verdade, vos digo, Pedro, que amanhã a essas mesmas horas, tu me terás traído três vezes*”. E assim o foi, pois que ao lhe perguntar o Centurião:

- “Conheces este homem?”, ele respondeu:
- “Não, é a primeira vez que o vejo...”

Sim, mas Pedro (ouçam bem os da Igreja e seus intérpretes) se tivesse ele respondido:

• “Sim, conheço! Ele é o meu Mestre”, o Centurião lhe teria dito:

• “Pois bem, põe-te ao seu lado para seres crucificado com ele, em lugar de um dos ladrões”

Jesus combinara com Pedro, na véspera, semelhante resposta, para todos ouvirem. Como poderia a Igreja ser fundada sobre PEDRO ou Pedra, a menos que até hoje tivesse ficado com dois traidores? Pelo amor de Deus, Apóstolos do Cristo, aprendam mais essa, mesmo que já tenha chegado o tempo do novo Ciclo e de Novos Ensinamentos. Por isso é que o Monarca Universal teria com Ele se encontrado, para o Novo Ciclo de Maitreia...

Pedro morreu... e o Monarca Universal, esteja onde estiver, já fez o que devia fazer para esse Novo Ciclo. Por isso, volta ao Lugar donde veio... Para todos os efeitos, “vai morrer também”...

“Ave, Jehovah, morituri te salutant”, mas nunca saudando os Cesares modernos pois que este ANO é dos Intelectuais que hão de vencer... O passado fez jus ao nome – CEMITÉRIO DE VIVOS – e este que há pouco se iniciou o fará ao seu, como vem acontecendo até agora.

AT NIAT NIATAT – Um Por Todos, Todos Por Um – em linguagem Agarthinina, para que a Paz possa reinar novamente sobre a Terra.

AUTOR: Henrique José de Souza

FONTE:

Artigo publicado originalmente no jornal

“Diário de São Paulo”, em 14 de janeiro de 1962.

EUBIOSE

CIÊNCIA DA VIDA



“O altruísmo é o mais nobre privilégio e trabalhar pelo mundo é a mais alta recompensa da vida.

Filosofia, ciências e religiões valem por aquilo que nos fizeram mais úteis à Fraternidade Humana”

(A.B.)

Eubiose – ciência da vida – é a que nos ensina os meios de viver em harmonia com as leis da Natureza e, conseqüentemente, com as leis universais das quais as primeiras derivam. Pelo que se vê, nenhuma diferença existe entre Eubiose e Teosofia, porque esta, como Ciência ou Sabedoria Divina se propõe a mesma coisa, como “Tronco donde se originam as ciências, religiões, filosofias e tudo mais quanto já existe e há de existir no mundo”.

A Sociedade Brasileira de Eubiose, como detentora do Movimento cultural – espiritualista que “por força de Lei” lhe coube no presente momento da Humanidade, não podia deixar de se servir de semelhante Ciência, com o fim de tornar realidade a Paz e a Fraternidade na face da Terra.

Perde-se na noite dos tempos a história da existência dos Colégios Iniciáticos onde se davam os ensinamentos eubióticos. Basta lembrar que saíam deles os famosos Faraós, esses sapientíssimos administradores do antigo Egito, cujos nomes ainda hoje despertam a curiosidade da verdade, porque sobre os seus despojos,

ocultos no silêncio e no respeito multisseculares dos sarcófagos, reconstitui com facilidade a vida gloriosa do país que gerara aqueles semideuses.

Naqueles Colégios eram preparadas as personalidades que deviam exercer no mundo a atividade social que as necessidades do momento exigissem. Artes, comércio, ciência, indústria, política, religião, etc., tudo era alimentado pela seiva sagrada que corria daqueles maravilhosos mananciais. Entretanto existia ainda no Oriente um agrupamento de elite, destinado ao sacerdócio das Ciências Ocultas. Eram homens escolhidos e selecionados por uma iniciação especial e onde aquele que recebesse o grau de Adepto havia revelado, exuberantemente, o valor indispensável para seu dedicadíssimo mister. E deste modo, quando a humanidade ia progressivamente se afastando do cumprimento dos seus deveres humanos e sociais, e que as nações compostas e dirigidas pelas criaturas assim transviadas chegaram aos mais baixos níveis de degradação, coincidia aparecerem no mundo homens impávidos, íntegros que, com palavras de censura e advertência, profligavam o proceder dos corrompidos, causando o assombro dos auditórios pela sua fala insólita e a magnética influência de sua palavra.

Segundo a letra das Sagradas Escrituras, a Terra é visitada periodicamente pelos Missionários da Paz e da Concórdia e a sua vinda é assinalada pelo aparecimento simultâneo de grandes cataclismos, de guerras, epidemias, fome, perturbações políticas, sociais e religiosas, tudo isso seguido do torpor natural em que fica o espírito humano, atormentado pelos flagelos que o assediam e impotente para os debelar.

Os derivativos buscados na exacerbação de todos os gozos materiais só conseguem reafirmar a mesquinhez e a fragilidade dos míseros flagelados. É justamente no pandemônio da orgia dos sentidos que se esboça, nitidamente, o horrível contraste da dor e da miséria, dos que não podem tomar parte nas bacanais que apenas conseguem agravar a degradação do gênero humano. E dessa forma, a majestade do rei da criação, o “homo sapiens” apeia-se do seu trono de poder e domínio e vem, desfigurado, refocilar no tremedal dos crimes e dos vícios, imbecilizando pela embriaguez de funesto despautério!...

A Pátria fica sendo um mito e a sociedade então degradada se transforma no balcão onde se trama, onde se ajusta, num comércio ignóbil, o preço de todas as vilanias.

Os que conseguiram escapar dessa tremenda rajada de loucura, sentirão os efeitos dos grandes remédios para os grandes males, pois cabe à Lei a inflexível tarefa do saneamento, mesmo se necessário com a aplicação da pena capital, para eliminar a corrupção, estabelecendo severas penalidades para os que matam, os que roubam e furtam, corrompendo e se abastardam com o uso de tóxicos. Levantai o olhar destas linhas apavorantes de apocalíptica previsão e passai em revista os acontecimentos mundiais. Lede os lacônicos telegramas do exterior e o noticiário sensacionalista das desgraças humanas, para dizerdes em seguida à vossa própria consciência que espécie de futuro aguarda esta geração!

Durante seis longos anos o velho Continente contaminou a atmosfera deste planeta de cólera e sangue, empregando quase o triplo desse tempo para preparar o adubo em que estão sendo lançados os germes de novas guerras...

O Brasil participa das influências cíclicas terrestres, embora resguardado por uma situação privilegiada, pois que a aparente discordância entre a exuberância vital de nosso país e a suposta fraqueza de nossa raça, não tem qualquer sentido, nem significa que seja ela indigna da causal predestinação, mas que a obrigatoriedade de praticar as virtudes relativas ao seu merecimento é a condição única por Lei imposta previamente ao povo assim favorecido.

Por conseguinte é preciso que lutemos contra o descalabro da situação que o mundo hoje atravessa. Sim, estamos no fim de um Ciclo, Ciclo apodrecido e gasto, para o alvorecer de um outro que preencherá as necessidades da nova civilização, que terá por berço a Terra Brasileira. Razão por que a Sociedade Teosófica Brasileira vem trabalhando eubioticamente no sentido de levar os homens verdadeiramente ilustres do Brasil, a distinguirem

“o Real do ilusório, o Verdadeiro do falso, a Luz da obscuridade”, plasmando na personalidade das crianças, uma educação pura, tanto intelectual, quanto moral e espiritual, com os mais elevados desígnios que, futuramente, as conduzirá para a formação de uma nova Pátria, de acordo com o lema: “*Spes Messis in Semine*”: A esperança da colheita reside na semente.

Para tanto, mister se faz apregoarmos as sábias palavras do Prof. Henrique José de Souza, Dirigente Cultural e Espiritual da SBE (à época, em 1961, STB): - Reconstruir! É o brado que nos compete! Sim, reconstruir o homem, o pensamento, a moral, os costumes; Reconstruir o lar, a escola, o caráter, para que o cérebro se transmude ao lado do coração. Só assim, a humanidade se tornará digna do estado de consciência que é exigido pela nova civilização; Glória ao Brasil como santuário da iniciação do gênero humano a caminho da sociedade futura.

AUTOR: L. P. D. (pseudônimo de Henrique José de Souza)

FONTE:

Artigo publicado originalmente no jornal “Diário de São Paulo”, em 10/09/1961.



“É pelo livro e não pela espada com que a humanidade vencerá a mentira e injustiça e conquistará a paz final entre os povos”.

EMILE ZOLA

Minha família são os livros, meu lugar, qualquer biblioteca. Quisera que a humanidade houvesse falado um único idioma em todos os tempos para ler os livros de todos os povos.

A paixão pelo livro me tem proporcionado dias de inefáveis gozos e de pesares sem conta. Por que um livro, como uma mulher, também ama como aborrece, entrega-se ou resiste, é fiel ou inconstante acaricia ou maltrata, faz rir ou chorar e, às vezes, dormir profundamente.

Em minha primeira idade amei todos os livros, sem distinção de sexos nem categorias. Alguns, os de literatura, corresponderam a meu profundo afeto, me amaram; com outros, como os de matemática... não pudemos entender-nos nunca. Romeu e Julieta gozaram de uma paz otaviana em seus amores, comparando suas desditas com as que a mim me proporcionaram outros Capuletos e Montescos, não menos tenazes e cabeçudos. Primeiro os meus parentes, os quais punham o grito no céu sempre que me achavam com um livro nas mãos, a seguir meus amigos, que nunca me deixaram gozá-los tranquilamente, e por último, as mulheres cuja afeição à leitura não ultrapassa os limites do folhetim. Quantas heresias me fizeram! Como me aborreceram com suas burlas! Em muitas ocasiões foi a desigualdade de fortuna que me impediu gozar do objeto amado. Como o celibatário, que aborrecido das quatro paredes de sua casa procura na de um amigo a alegria e o calor que na sua lhe faltam, assim eu, em minhas épocas de penúria, recorri às bibliotecas de meus companheiros. Estas leituras de livros já conhecidos eram como renovação e recordação de antigos amores, os quais muitas vezes, terminavam em cruéis desenganos.

O livro é filho do papel e da tinta. A negrura da tinta expressando a clareza da inteligência! Assim deve ter saído o mundo do caos. Os sentimentos do homem confiados à habilidade do papel! Quem duvida que o amor seja heroico? O livro em mãos de um livreiro é um escravo; os livros não deveriam ser vendidos: deveriam ser solicitados, e seu autor ser considerado como filho dos deuses. O livro em mãos inexperientes é um mártir; a toda pessoa que se ensina a ler conviria ensiná-la, antes, a tratar com os livros, do mesmo modo que se educam as crianças ao mesmo tempo em que se instrui. Emprestar um livro é ser cúmplice de adultério; o que o rouba efetua um rapto; quem o vende o prostitui.

O livro na vitrina é uma joia; envolto em papel, uma mercadoria; no bolso, um recurso; sobre uma mesa, um enfermo, no solo, um cadáver; na biblioteca, uma múmia, e na mão, ha! na mão, é um livro. Um livro antigo infunde respeito;

velho, causa compaixão: sujo, parece um empestado; roto parece chorar, e novo se o vê sorrir.

Seria conveniente que os livros, criados pelo fogo da inteligência, fossem, depois de velhos, entregues ao fogo da Natureza; a mãe ama a seus filhos; porque não devolvê-los? Seria um tríptico fiat lux: o da criação, o da vida e o da morte. Um livro fechado é como uma noite estrelada: quando se o abre, amanhece; o ato de cortar suas páginas tem algo do parto ou do defloramento; quem o olha, o acaricia, o beija; lê-lo é orar: compreendê-lo é fortalecer-se. O livro mal encadernado é uma pessoa mal vestida; parece-se a uma mulher feia se está mal impresso; com erratas, é uma formosa tela com remendos velhos e de cores diferentes; com dobras, parece um mendigo; quando a impressão é desigual, toma formas horríveis assemelhando-se a um homem que, além de torto, fosse coxo, manco, corcunda e sem dentes nem pelo. Quanto mais belas condições tipográficas tem um livro, tanto mais ganha o texto; a letra clara e ampla dá clareza aos pensamentos; fala-nos em voz alta quando os caracteres de imprensa são grandes, e muito baixinho quando são pequenos. A capa de um livro é sua fisionomia. O corpo do livro é a margem; a alma, o impresso; sua idade, a paginação; o título, seu nome. As gravuras são uma ostentação, parece que, antes que os leais, já estão dizendo: “Olha que grande coisa eu sou! Que belezas possuo! Que cousas tão lindas eu conto! Os com gravura são os seres mais indiscretos, mais inoportunos e mais impertinentes que conheço: não têm seriedade nem educação. Revelam antes do tempo segredos que só o leitor deveria descobrir; confundem os acontecimentos; desfiguram os personagens e dão por terra com o interesse da narração.

Quem não souber ver com o entendimento, que feche o livro. O que vê com a fantasia aquilo que lê, sempre o imagina mais perfeito e acabado que o lápis e o buril podem fazê-lo. Ler é pensar e sentir, não apenas olhar.

Os livros com gravura são bons para as crianças e mulheres... Os livros grandes me inspiram tanto medo e temor, que os colocaria em um atril, como em um altar, e leria suas páginas com toda a veneração. O livro em brochura é o livro por excelência. O hospital dos livros é a oficina do encadernador. Um livro em pergaminho é um ictérico; os livros de luxo são a nobreza da classe, os de escolas e universidades apenas são livros. Um livro encapado é como um ser enterrado em vida: sua capa é como a lousa do sepulcro. sobre a qual e em letras douradas, lê-se seu epitáfio. Não há nada tão semelhante a um cemitério como uma biblioteca de livros encapados.

O livro em brochura é comunicativo e espontâneo: em qualquer lugar que se o coloque nos sorri, e por entre suas brancas margens deixa escapar alguma palavra, ensina uma frase, com a qual nos provoca e atrai. O livro encapado, metido em si mesmo, se acha sempre fechado a pedra e cai: mostra-nos uma superfície dura e compacta como uma pedra; não tem expressão nem diz nada parece que está voltado de costas, que nos desdenha; tem cara de poucos amigos. Um livro em brochura é flexível, adapta-se a vossos gostos; parece que as palavras estão saindo do papel, que as folhas voltam-se por si mesmas, que desejam agradar-vos e serem vossas, vossas até a última gota de seu sangue. Um encapado vai-se de entre as mãos: está sempre querendo escapar; ao menor descuido se fecha e deixa-nos com a palavra na boca: não podeis levá-lo a parte alguma sem grandes

aborrecimentos e dificuldades. O livro em brochura é o livro de meus amores, meu amigo inseparável; onde quer que vá me acompanha: umas vezes no bolso, outras nas mãos, nunca debaixo do braço; levo-o comigo e fala-me a todas as horas: dorme a meu lado, come à minha mesa, juntos fazemos visitas e pela rua, em meio à barafunda de veículos, bondes, carros, auto-ônibus e pessoas que a cruzam em todos os instantes do dia, tenho-o ante meus olhos e o leio tranquilamente palavra por palavra, linha por linha, página por página.

Minha ambição, meu ideal, é possuir uma biblioteca em um jardim. Flores e livros! Perfumes e sentimentos! Ideias e cores.

Temo a morte porque virá interromper as minhas leituras. Quantos livros se publicarão depois que eu deixar de existir! Que boas e belas coisas se imprimirão que eu não hei de poder ler! Isto me desespera.

Ó meus queridos livros, vossos serão meu coração, minha inteligência e minha vontade! Não me faleis de mulheres, de fortuna, nem de honras; deem-me livros, mais livros, sempre livros. Quando soar a hora da minha morte e começar minha agonia, não me digais palavras de consolo; não choreis; se me amais, se quereis que eu morra feliz e a eterna sombra se ilumine, e o reino da morte me seja querido, abri os Diálogos de Platão, e com voz clara, vibrante e sonora, lede-me o de Phedon sobre a imortalidade da alma.

Nota da Redação:

Esta nota é de um exímio escritor que se oculta sob o pseudônimo de “Malatesta”. Sua publicação neste número de “O LUZEIRO” (julho de 1952) tem a significação da abertura do “pano de boca” de um teatro, em cujo palco desfilarão, sucessivamente, os melhores autores e os melhores livros aconselhados aos estudiosos de Teosofia e Ocultismo. E, dessa forma, os amigos leitores poderão ter uma ideia do que dizem os livros, mas desta vez, sob um outro aspecto.



Fundadores: Henrique José de Souza e Helena Jefferson de Souza

Presidente: Hélio Jefferson de Souza

1º Vice-Presidente: Jefferson Henrique de Souza

2º Vice-Presidente: Selene Jefferson de Souza

www.eubiose.org.br



Expediente

Diretor de Divulgação: **Luiz Lúcio Daniel**

Editor Geral: **Leonardo Faria Jefferson de Souza**

Editor de Texto: **Luiz Lúcio Daniel**

Arte: **Leonardo Faria Jefferson de Souza**

Revisores: **Luiz Lucio Daniel, Angelina Debesys, Valéria Urtans, Celso Agostinho e Ronaldo Lyrio Borgo**

Conselho Editorial: **Alberto Vieira da Silva, Angelina Debesys, Celina Tomida,**

Celso Agostinho, Dirceu Moreira, Eurênio de Oliveira Jr., Francisco

Feitosa da Fonseca, Luiz Lúcio Daniel (Presidente),

Leonardo Faria Jefferson de Souza e Ronaldo Lyrio Borgo.

Logo da Dhâranâ On-line: **Marcio Pitel**

Dhâranâ On-line - Revista de Ciência, Filosofia, Arte e Religiões Comparadas.

É uma publicação quadrimestral,

Órgão oficial da Sociedade Brasileira de Eubiose - SBE.

Editada pelo Conselho de Estudos e Publicações - Setor Editorial.

Ano VI – edição 20 - outubro de 2018 a janeiro de 2019

© Sociedade Brasileira de Eubiose ®

O conteúdo dos artigos assinados é de total responsabilidade de seus autores. Não é permitida a reprodução parcial ou total do conteúdo desta publicação, em qualquer meio, sem a prévia autorização da SBE.

**Os trabalhos para publicação deverão ser enviados para o e-mail:
divulgacao@eubiose.com.br**